

M. J. ARLIDGE

Autor bestseller internacional

A FLORESTA DO MAL

ALGO MALIGNO ANDA À SOLTA

**TOP
SEL
LER**

«Uma leitura absolutamente arrepiante.»

MY WEEKLY

1

Ela estendeu o braço, mas encontrou apenas o vazio. O tecido sedoso era frio ao toque, o que a confundiu. Onde deveria estar um ser quente e senciente estava... nada.

Desalentada, Melanie Walton levantou-se. Arrependeu-se de imediato, com a sua dor de cabeça crescente a açoitar-lhe a testa. Sempre que ela e Tom iam acampar, era a mesma coisa. Planos para uma noite relaxada e comedida rapidamente cediam lugar a um hedonismo desenfreado — uma fogueira crepitante, música alta e o inevitável sexo alimentado a *bourbon*. Na verdade, Melanie não desejava que fosse de outra forma — ainda sentia a presença de Tom na sua pele, o que fez com que o vazio junto dela se revelasse ainda mais confuso.

A tenda deles era velha e exígua — um cubículo apertado de dois lugares que Tom arranjava numa liquidação de uma loja —, e Melanie estava habituada a ter a presença reconfortante do seu noivo ao lado. Sim, ele ressonava, mas o *bourbon* ajudava a bloquear isso, e ela adorava a sensação de eles os dois ali enroscados sob as estrelas. Por norma, esse pensamento fazia-a sorrir, mas não nessa noite — ao esticar o pescoço para espreitar para a escuridão, a visão do saco-cama vazio de Tom confirmou o que ela já sabia. Estava sozinha.

Olhando para a direita, viu que as abas da tenda se encontravam abertas, balançando suavemente para a frente e para trás ao sabor da brisa. Sentiu de imediato uma ponta de irritação — era típico de Tom sair aos tropeções até à zona das casas de banho e esquecer-se de as fechar. Ela já o repreendera por causa disso antes. Por natureza, não era medrosa, mas eles não eram os únicos no parque de campismo e podia lá entrar alguém. Não vinha ao caso o facto de um fecho-éclair proporcionar pouca protecção contra um intruso determinado — ela simplesmente não apreciava a ideia de alguém poder espreitar para dentro do pequeno refúgio deles.

Melanie permaneceu sentada mais alguns minutos — à escuta de sinais do regresso atabalhado de Tom, a ensaiar uma desculpa

engraçada para a sua ausência —, mas tudo permaneceu teimosamente sossegado no exterior. Praguejando, desistiu de esperar, deitando a mão às calças de ganga e aos chinelos de dedo antes de sair a rastejar da tenda.

Fora um dia quente de verão, mas o ar fresco noturno fê-la tremer ao emergir do seu casulo. Acariciou-lhe os ombros e o pescoço, e ela enroscou-se nos seus próprios braços arrepiados enquanto passava os olhos pelo parque. Mais cedo, o lugar estivera animado — era o primeiro período consistente de bom tempo e dezenas de campistas tinham abandonado Southampton para armar tenda ali na New Forest — mas, agora, estava um silêncio de morte. Apenas se ouvia a brisa a sussurrar e um ocasional ressonar de satisfação.

— Tom?

O seu débil apelo foi levado pelo vento. Onde é que ele estava? Frequentemente, durante as escapadelas noturnas dele para se lavar, Tom cantarolava por entre dentes, com o refrão de canções antigas a vaguear na mente dele, mas nessa noite ela não ouvia nada. Nem sequer havia luz na zona das casas de banho.

— Tom? Estás aí?

Dessa vez mais alto — a ansiedade sobrepunha-se ao receio de perturbar os outros —, mas ainda sem resposta. Estaria ele a pregar-lhe uma partida? Prestes a saltar e surpreendê-la? Não era o estilo dele — por norma, ele morria para o mundo àquela hora da noite —, mas que outra explicação poderia haver?

— Se isto é suposto ter graça...

Agora, Melanie já nem se importava se estava a falar alto. Só queria encontrá-lo, dar-lhe uma descompostura, e depois regressar à tenda. A noite deles, que fora tão agradável, estava rapidamente a azedar.

— Estou a falar a sério, Tom. Se estás aí, se isto é alguma espécie de partida...

A voz dela vacilou, dominada pela angústia e pelo medo. Se fosse uma brincadeira, certamente Tom já lhe teria posto fim. Ele não era cruel nem maldoso. Era querido, amoroso, gentil...

— Por favor, Tom. Estás a assustar-me — prosseguiu ela, com as lágrimas a picarem-lhe os olhos. — Onde é que *estás*?

Mas as palavras dela perderam-se, esmorecendo silenciosamente na escuridão.

2

Ela arrastou-se na escuridão, com cuidado para não fazer qualquer ruído. O terreno era-lhe desconhecido e tinha de avançar com cautela para evitar um pé da cama, uma cadeira, alguma roupa caída. De repente, percebeu que sustinha a respiração. Na verdade, era estúpido, mas se isso diminuísse as possibilidades de ser detetada, que assim fosse. Estava determinada a escapar incólume.

Baixando-se, Helen pegou na sua roupa interior, nas suas roupas e, por fim, no seu fato de couro de motociclista. Esse era o mais difícil de vestir discretamente — estava velho e gasto, e rangia ruidosamente quando se tentava enfiar nele. Mas o homem bem constituído a dormir pacatamente na cama a poucos metros pareceu não reparar. Soltando um suspiro de alívio, Helen deu alguns passos apressados na direção da porta do quarto, agarrando gentilmente a maçaneta.

— Jane?

Helen estacou e depois virou-se lentamente.

— Acordo cedo. Desculpa...

Se se apercebeu da sua pobre mentira, Daniel não o demonstrou. Passando uma mão pelo cabelo desgrehado, mirou-a com ar feliz, com as memórias de um encontro agradável ainda frescas.

— E então... podemos voltar a fazer isto?

— É claro que sim.

Foi uma resposta demasiado lesta, soou pouco convincente, o que foi estúpido porque, em parte, Helen teria adorado passar outra noite com aquele atraente estranho. As coisas ultimamente andavam tão turbulentas — o inquérito à morte em serviço da sargento-inspetora Sanderson e a subsequente exoneração (na sua perspetiva, injustificada) — que fora consolador deixar tudo para trás por uma noite.

Conhecera Daniel numa discoteca recente na Lime Street, destacando-o como a única pessoa lá presente com força e coragem suficiente para lhe infligir a dor por que ansiava. A sessão deles revelara-se incansável

e gratificante, e Helen não se surpreendera por terem ido para o apartamento dele pouco depois. Nem, deprimentemente, a surpreendera o seu desejo de fugir assim que o encontro terminou.

— Posso, então, ficar com o teu número...?

Foi dito com descontração, mas terá Helen detetado firmeza por detrás do pedido? Um desejo de não ser tratado como um escape de uma única noite?

Helen hesitou antes de responder. Não estava certa de estar preparada para seguir por esse caminho e, além disso, fornecer os seus dados pessoais revelaria que passara a noite a mentir — sobre o seu passado, o seu trabalho, o seu nome...

— Jane?

A voz suave dele interrompeu-lhe o alheamento, realçando a sua mentira. E, talvez, se tivessem tido aquela conversa na cama, juntos, nus e íntimos, ela pudesse ter confessado, pudesse ter sido persuadida. Mas ali estava ela, com a sua armadura de combate e pronta para partir.

— Vemo-nos na discoteca.

Daniel percebeu que estava a ser despachado e, em seu favor, não a desafiou quando ela se esgueirou do quarto. Zangada consigo mesma, Helen saiu em passada larga, acelerando a cada passo. Depois de feito, só queria encontrar a sua moto e ir para casa. Mas, ao percorrer apressadamente o corredor, foi confrontada com as dúvidas, as interrogações habituais. Ocupada como era, empenhada como estava na liderança da Equipa de Incidentes Graves da polícia de Southampton, não havia como negar que se sentia sozinha. Precisava de uma escapatória, precisava de companhia, precisava de *vida* para contrabalançar as trevas que a consumiam, por dentro e por fora. Assim sendo, porque é o rechaçava quando lhe era oferecido? O que é que se passava de errado com ela?

Porque é que fugia sempre?

3

Correu aos tropeções pelo meio do matagal, arranhando-se imenso na vegetação. A dor percorria-lhe o corpo à medida que os picos lhe rasgavam a pele, mas seguiu em frente, avançando às cegas sem parar. Não tinha a percepção de onde viera, nem para onde se dirigia, apenas a convicção de que tinha de prosseguir.

Vestia uns boxers e uma t-shirt, mas até essas vestes frágeis conspiravam para o frustrar, com os arbustos rugosos a prenderem-se ao tecido, puxando-o de novo para o perigo. Era como se a própria floresta tivesse decidido ser sua inimiga por uma noite, mas o medo impeliu-o a seguir em frente e, reunindo todas as suas forças, arrancou uma vez mais, emergindo da vegetação densa para terreno sólido. Por momentos, pareceu-lhe ter o caminho livre — aquilo mais à frente, no meio da escuridão, seria um carreiro? — e aproveitou ao máximo, correndo. Mas, assim que o fez, uma dor dilacerante assolou-o, levando-o a deter-se de repente com um estremeção.

Até ali progredira bem, mas de súbito percebeu que não conseguia apoiar-se no pé esquerdo. Olhando angustiado para trás, Tom curvou-se para examinar a planta do pé. Para seu horror, viu um espinho enorme e denteado — com quase três centímetros — cravado na carne macia. A pele já estava a enrugar, rosa e irritada, enquanto o sangue vertia do ferimento profundo. Um queixume de dor ameaçava escapar-lhe pelos lábios, mas travou-o. Não se atreveu a emitir um som.

Cerrando os dentes, fixou as pontas dos dedos em volta da extremidade do espinho. Contou em silêncio até três e depois puxou com força, arrancando o espinho inteiro. Mais um arquejo de dor, e depois uma breve sensação de alívio, antes de uma dor entorpecedora e enervante se voltar a impor. Conseguiria caminhar? Conseguiria correr apoiado no pé? Pareceu-lhe impraticável, tendo em conta a dor latejante, mas tinha de tentar.

Escondendo-se atabalhoadamente atrás de um arbusto, Tom observou o bosque ao seu redor. Ele andava por ali algures... A questão era:

onde? Tom andava há dez minutos em fuga, talvez mais, e o seu perseguidor fora sempre uma presença constante, seguindo-lhe os passos. Uma vez ou outra ouvira-o — o estalido de um galho, o restolhar de um arbusto. Por vezes, avistara-o — um vulto alto e indistinto —, mas era a sua presença que ele mais sentia: malévola, ameaçadora, implacável.

De repente, sentiu movimento à sua esquerda. Tom virou-se bruscamente... mas não passava de um pequeno roedor a correr pelo chão da floresta. Dirigindo o olhar de novo para o negrume diante dele, esfregou os olhos, tentando distinguir sinais do seu perseguidor. Mas não se encontrava à vista. Reinava o silêncio.

Em parte, Tom ainda queria acreditar que não passava tudo de um pesadelo, que daí a nada despertaria, agitado e ressacado, junto a Melanie. Sabia, no entanto, que era demasiado vívido para se tratar de um sonho. Mas como é que era possível? Como é que podia ter acabado ali? Deitara-se embriagado e feliz, junto à mulher que amava... e despertara, baralhado e semidespido, numa zona estranha da floresta, com um vulto indistinto encapuzado a ordenar-lhe que fugisse.

Respirando sufregamente, tentou acalmar-se. Se queria sobreviver, teria de ser inteligente, tomar as decisões certas. Olhou rapidamente em volta, à espera de entrever o seu perseguidor, mas também uma rota de fuga. Um sinal por mais ténue que fosse que lhe indicasse por onde ir. Havia um trilho esbatido atrás dele, e algo que se assemelhava a um caminho a curta distância à direita.

Qual deles escolher? Como é que poderia ter a certeza de que algum lhe proporcionaria segurança, tendo em conta que não fazia ideia de onde se encontrava? Não havias sinais de nenhum parque de campismo, de nenhuma habitação, nem sequer de presença humana por perto. Poderia ele sequer ter a certeza de que se encontrava na New Forest?

Em pânico, alternou o olhar entre os dois caminhos. De repente, sentiu-se preso pela indecisão, consciente de que a escolha errada teria um custo pesado. Não sabia o que o levava a ser caçado, por onde seguir, nem o tipo de sofrimento que lhe estaria reservado.

Sabia apenas que naquela noite estava a ser perseguido pela morte.

4

Um grito penetrante rasgou o ar. Era estridente, atroz, assustador, despertando Charlie com um sobressalto. De imediato, levantou-se, mas o seu corpo teve de se esforçar para acompanhar o cérebro, e ela ia caindo ao avançar para a porta. Abriu-a e apressou-se pelo patamar às escuras, empurrando a porta do quarto de Jessica.

Deu com a filha sentada muito direita na cama, de olhos arregalados com o terror. Aflita, foi ter com ela, envolvendo a aterrorizada criança de 4 anos com os braços.

— Está tudo bem, fofinha. A mamã está aqui.

Um cotovelo voou, atingindo Charlie no pescoço. Espantada, arquejou, sem ar, enquanto a filha se contorcia nos seus braços.

— Não, não, não... — gemeu Jessica, parecendo determinada a livrar-se dos braços da mãe.

— Jessie, sou eu. Está tudo bem...

Mas já se acumulavam lágrimas nos olhos de Charlie. O choque de ter sido atingida a misturar-se com uma profunda sensação de impotência. As coisas não andavam nada bem. Era a quinta noite consecutiva em que Jessica sofria de pesadelos noturnos.

— Ela está bem?

Steve acabara de entrar, parecendo entorpecido enquanto avançava a custo na direção dela com o seu pijama largueirão. Charlie não se achou capaz de falar, pelo que se limitou a abanar a cabeça. Steve juntou-se a ela, abraçando a criança agitada. Aos poucos, deixando de se debater, Jessica começou a fechar os olhos e lá permitiu que a voltassem a deitar na cama.

— Agora, quero dormir — anunciou, ensonada, virando-lhes costas.

Ainda a tremer, Charlie tapou-lhe os ombros com o lençol, aninhando a filha. Incrivelmente, Jessica já estava a dormir, num sono pacato, como se nada se tivesse passado.

No entanto, Charlie ainda estava com os nervos à flor da pele e manteve-se imóvel, em pé, junto à filha, como que à espera de que tudo recomeçasse.

— Anda, vamos lá para a cama. — Uma leve palmada no ombro, incentivando-a a avançar para a porta. — Ela está bem — insistiu, com gentileza, Steve. — Vamos dormir.

— Dois minutos.

Ele afastou-se com passos leves. Charlie desconfiou que ele conteve um suspiro, algo que a deixou grata. Nesse momento, não estava com disposição para reprimendas — já se sentia suficientemente mal. Todas as noites era o mesmo — um episódio de puro terror, e depois horas de sono tranquilo. De manhã, Jessica não se recordava do que se passara durante a noite, nem tinha qualquer explicação quanto ao que a assustara.

Em momentos furtados ao trabalho, Charlie pesquisara sites do Serviço Nacional de Saúde e guias de saúde familiar, para tentar obter informações sobre as causas do sofrimento noturno de Jessica. Mas as orientações eram escassas e nada reconfortantes — os terrores pareciam não ter uma causa evidente, nem um método comprovado para os afastar. A uma altura indeterminada haveriam simplesmente de parar.

Contudo, Charlie tinha as suas suspeitas em relação à causa. Jessica estava a chegar ao final do seu primeiro ano completo na escola e, apesar de inicialmente as coisas terem corrido bem, recentemente começara a queixar-se, tentando escapar-se a ir para a escola, queixando-se de cansaço, até de doença. Talvez estivesse a dizer a verdade — era cansativo para uma criança de creche passar para uma educação a tempo inteiro —, mas Charlie não conseguia deixar de se interrogar se não haveria algo mais do que isso. Haveria algum problema com a professora Barnard, que toda a gente considerava rígida? Um problema de amizade com alguma das outras crianças? Poderia Jessica ser vítima de *bullying*?

O relógio na parede fazia um tiquetaque sonoro. Olhando para os ponteiros, Charlie surpreendeu-se ao constatar que ficara ali parada uma dezena de minutos. Sem dúvida que Steve se iria irritar — apesar de ele amar e apoiar Charlie, acusava-a sempre de pensar demasiado nas coisas. Provavelmente, teria razão, o que era irritante, mas ela não conseguia evitar. Podiam ter aguentado mais um ano até Jessica ir para a escola, mas optaram por não o fazer. Isso em parte devera-se ao facto de ser uma criança muito madura, que parecera pronta, mas também fora para facilitar a vida profissional de ambos. Teriam cometido um erro? Ao tentar melhorar as coisas, teriam acabado por piorar tudo?

Jessica nunca referira quaisquer problemas na escola, pelo que restava a Charlie adivinhar a causa da sua inquietação. Pela primeira vez desde que Jessica nascera, Charlie sentiu-se impotente para a ajudar. O que significaria, provavelmente, que teriam muitas mais noites de gritaria agonizante pela frente. Olhando para a sua filha, a dormir na cama, Charlie sentiu-se subitamente triste, ansiosa e assustada.

5

Ele permaneceu imóvel, tolhido pelo medo. O seu perseguidor estava agora a poucos metros.

Indeciso quanto ao que fazer, permaneceu escondido no seu refúgio de giesta, ignorando as picadelas constantes dos inúmeros espinhos. Continuou a observar a floresta sombria, pensando no rumo a seguir, quando de repente o vulto umbroso emergiu da escuridão, avançando na sua direção. Por instinto, Tom tentou fazer-se mais pequeno, encolhendo-se numa bola. Mas o seu perseguidor continuou a avançar firmemente para si.

Por um lado, Tom desejou fechar os olhos; por outro, sabia que tinha de os manter abertos. Tinha de saber se fora detetado. Portanto, manteve o olhar preso nele, encontrando-o, para depois o perder de vista entre as árvores. E lá apareceu ele, cada vez maior, como uma figura de um pesadelo grotesco.

Ao chegar ao arbusto, o vulto deteve-se. Tom queria gritar e berrar, para expulsar o seu medo e inquietação, mas reprimiu o seu pavor. Já há mais de um minuto que sustinha a respiração — os seus pulmões faziam pressão e estava desesperado por libertar o ar. Mas manteve os lábios bem fechados, as narinas cerradas, temendo emitir o mais ínfimo som. Se fosse descoberto agora, não haveria qualquer esperança, encurralado como se encontrava nos arbustos.

Decorreram dez segundos. E mais dez. Depois, o vulto virou-se, olhando diretamente para ele. Tom preparou-se para um rugido triunfal, para um súbito mergulho na sua direção, mas, para sua surpresa, o perseguidor seguiu em frente, afastando-se dos arbustos, explorando a floresta à cata da sua presa. Tom susteve a respiração por mais uns segundos e depois expirou, libertando lenta e silenciosamente o ar sustido.

Contou mais um minuto, vendo a figura desaparecer na floresta, para depois se levantar. Lançando olhares prudentes em seu redor,

apoiou-se no pé esquerdo. Sentiu a dor a percorrer-lhe o corpo, mas ignorou-a. Se queria escapar ao sofrimento, teria de avançar depressa.

Dirigiu-se para o carreiro indistinto que avistara antes. Talvez a Lua estivesse a sair de detrás das nuvens, talvez ele se estivesse a habituar à escuridão — fosse qual fosse a razão, conseguia discernir melhor o caminho. Para seu grande alívio, o carreiro tornou-se mais definido e ele avançou a custo ao longo dele, meio a correr, meio a coxear. Inexplicavelmente, queria rir, com uma explosão súbita de otimismo e alívio a ameaçar emergir dele. Afastando da mente esse pensamento louco, abriu caminho, avançando depressa mas cautelosamente para evitar espinheiros tombados e as tocas de coelho espalhadas pelo trajeto.

Estava a fazer bons progressos, aumentando significativamente a distância em relação ao seu perseguidor, mas teve de abrandar. O carreiro, que até então parecera bem definido, de repente desvaneceu-se. Encharcado em suor, olhou para a esquerda e para a direita. Nada, nada, nada...

Fechando e abrindo os olhos, esforçando-se por reprimir o pânico, tentou de novo. E, desta feita, vislumbrou algo à sua esquerda. Não era um carreiro nítido, mas parecia proporcionar uma espécie de continuação. Os arbustos tinham sido alisados, umas quantas flores, pisadas...

Avançou, seguindo o contorno do carreiro o melhor que pôde. Perdeu-o, hesitou, e voltou a dar com ele. Isso aconteceu repetidas vezes — a sua fuga, que até esse ponto fora lesta, começava a falhar. E, uma vez mais, perdia completamente a noção do caminho.

— Merda, merda, merda...

Falou por entre dentes, na esperança de aplacar o seu coração acelerado. Mas o medo dominava-o, fazendo-lhe tremer os membros e doer a cabeça. Não havia como sair dali... Tinha de haver uma saída...

Em desespero, observou as imediações. Aquilo à esquerda seria outro carreiro? Não queria mesmo rumar naquela direção, mas que alternativa lhe restava? Tropeçar por entre os arbustos e silvados, assustando a vida animal e chamando as atenções? No preciso momento em que pensava nisso, um faisão lançou-se a voar ali perto, troando um alarme rouco.

Isso forçou-o a tomar uma decisão, pelo que se lançou na direção do carreiro. Desta vez, já sem atender tanto à dor no pé, correu o mais depressa possível pelo caminho plano. Sim, assim era bem melhor. Era um carreiro em condições que levaria a um lugar seguro, de volta à sua vida normal, de volta à sua amada Melanie...

A cada passo, a sua velocidade aumentou, com a adrenalina a alimentá-lo. Iria ficar bem, iria escapar dali. Depois, finalmente poderia entender aquele pesadelo. Tudo o que tinha a fazer era seguir em frente.

Contornou uma curva, na esperança de dar com o carreiro mais largo, uma luz a brilhar no meio das árvores, qualquer coisa. Mas, em vez disso, derrapou ao travar junto a um grande arbusto de giesta. Desequilibrando-se um pouco, ficou a olhar para lá. Pareceu-lhe familiar e, sim, ali estava uma reveladora mancha de sangue. Era o mesmo arbusto onde se refugiara antes. Limitara-se a traçar um grande círculo em corrida.

Um ramo estalou ruidosamente atrás dele. Sentindo o coração na boca, Tom voltou-se. Sabia o que ia encontrar, mas, ainda assim, o que viu deixou-o sem ar. A figura encapuzada estava agora apenas a pouco mais de cinco metros dele, bloqueando-lhe a passagem.

— Por favor... eu não fiz nada...

O seu perseguidor deu um passo em frente. E depois outro. Quando o fez, a Lua irrompeu de detrás das nuvens, iluminando o caçador, que estava agora parado muito perto da sua presa.

— Quem és tu? O que queres de mim?

Gritou a sua pergunta, mas o vulto não reagiu.

Estreitando os olhos, Tom esforçou-se por distinguir o rosto do seu perseguidor, para compreender que demónio enfrentava, mas não conseguiu vislumbrar quaisquer feições humanas por baixo do capuz.

Apenas escuridão.

6

O vento fustigou-lhe o corpo enquanto ela «rugia» estrada fora. Era uma sensação agradável, que lhe acelerava a pulsação, dando-lhe energia para o dia que tinha pela frente. Inclinação sobre a sua *Kawasaki*, Helen sentia-se cada vez mais animada. Fora uma noite agitada, mas um novo dia parecia sempre renovar a esperança.

Curvando para a Southern Road, inclinou-se ligeiramente para a esquerda, ligando o pisca e deslizando para o parque de motos.

Ainda era cedo, e a Esquadra Central de Southampton não despertara para a vida, permitindo-lhe escolher entre a dúzia de lugares reservados para viajantes solitários. Travando a moto com elegância, desligou o motor e pôs o descanso. Esta era desde sempre a sua rotina diária, e sabia-lhe bem.

Retirou o capacete e desapertou o fato de couro. Depois, pegando no telemóvel e na mala, voltou-se para o imponente edifício de calcário e granito que tinha à sua frente. Contudo, quando o fez, passou outra moto por ela, detendo-se a poucos lugares do dela. Curiosa, Helen hesitou. Não era uma moto nem um condutor que reconhecesse, o que a deixou desconfiada. Em alturas de segurança reforçada, qualquer coisa que saísse da normalidade merecia ser investigada.

Para sua surpresa, o motociclista, que acabara de desmontar, acenou-lhe jovialmente. Pouco depois, retirou o capacete e abeirou-se dela, com um sorriso afável, mas respeitoso.

— Bom dia, minha senhora.

— Sargento-inspetor Hudson — reagiu Helen, disfarçando a sua surpresa. — Estás todo animado.

— Quem não estaria?

Fosse um elogio ou uma pergunta sincera, foi algo que passou ao lado de Helen. Mas era verdade que aparecia sempre para trabalhar na esquadra de Southampton cheia de entusiasmo. E fora uma das coisas que a impressionara na entrevista de emprego de Joseph Hudson. Ele

já trabalhara em alguns locais complicados ao longo da sua carreira — sul de Londres, centro de Liverpool —, mas mantinha uma energia e um otimismo revigorantes. Muitos dos que iam subindo na hierarquia eram vergados pela experiência. Mas ele não.

— Bem, já que estás tão entusiasmado e ainda é cedo, porque é que não te faço a visita guiada? Não ia gostar nada de ter um novato perdido logo no seu primeiro dia.

— Acho que sou capaz de tomar conta de mim sozinho — replicou ele, disfarçando um sorriso. — Mas se tiver tempo...

Subindo as escadas a passo rápido e vivo, passaram pelo átrio central. A primeira paragem, inevitavelmente, era junto a Jerry Taylor, que trabalhava na receção desde que Helen se lembrava. Jerry pôs Hudson a par de todos os protocolos de segurança, esclarecendo tudo meticulosamente. Enquanto o fazia, Helen aproveitou a oportunidade para avaliar o seu novo sargento-inspetor.

Durante muito tempo, Helen resistira a substituir Sanderson. O seu brutal homicídio ainda a atormentava — culpava-se por ter pressionado exageradamente Sanderson, incentivando a jovem a pôr-se na linha de fogo — e a ideia de a «substituir» parecia-lhe indecente. Mas ficara um lugar vazio na equipa — algo que a superintendente Simmons, a nova chefe da esquadra, fazia questão de lhe recordar. Por essa razão, tiveram de publicar um anúncio. Como seria de esperar, foram inundados com candidaturas — apesar dos perigos inerentes à função, a unidade de Helen era prestigiada e popular —, mas na verdade Hudson destacara-se desde a primeira entrevista. Um forte passado académico, com treino especializado em cibercrime, aliado a muitos anos de experiência operacional na perseguição ao crime organizado, tráfico sexual, drogas e pior, davam-lhe desde logo vantagem. Mas foi a sua atitude, personalidade e postura que fizeram pesar a balança para o seu lado. Em boa forma, saudável, com uma expressão atraente e franca, era uma companhia perspicaz, incisiva e agradavelmente interessante. Nem todos os agentes da polícia tinham sentido de humor, mas Hudson claramente tinha, pontuado com uma pitada de rebeldia e insolência. Era um daqueles tipos cujo rosto sério era desvirtuado pelo sorriso no olhar, algo que Helen apreciava. Teria de trabalhar de perto tanto com Helen como com Charlie na liderança da equipa, e ela sentiu instintivamente que seria um colega generoso e cativante.

— OK, acho que já verificámos que ele não trabalha para os russos — entouou Jerry, tentando fazer um piscar de olho atrevido.

Era um fóssil, mas dos simpáticos, pelo que Helen lhe agradeceu e seguiu em frente, conduzindo Hudson para o corpo principal da Esquadra de Southampton. Uns minutos depois percorriam a passo largo o sétimo piso — onde Helen se sentia em casa.

— Mais tarde, terás tempo para a visita completa. Por agora, vou transmitir-te o mais importante. Os Recursos Humanos ficam no piso dois, o refeitório, no três, o depósito de armas, caso algum dia precises, é no primeiro piso e o vestiário dos homens fica no andar abaixo deste onde estamos. Estás a seguir?

— Dois, três, um, seis — respondeu Hudson.

— O sétimo andar pertence quase todo à Equipa de Incidentes Graves, mas nunca te esqueças desta porta. Se tiveres de entrar aqui, ou fizeste asneira da grossa ou és digno de mérito.

Estavam parados à porta do gabinete da superintendente Simmons, com o seu nome gravado a dourado no vidro mosqueado. Simmons era uma velha amiga de Helen — a sua mentora, na realidade — e esta não tinha dúvidas de que seria calorosa na receção ao novo recruta.

Mas isso teria de esperar — Simmons estava em reunião e Helen queria apresentar a Hudson o modo de funcionamento da Sala de Operações. Quanto mais depressa ele estivesse operacional, melhor.

Silenciosamente, entraram no lugar sagrado. Helen passara mais horas naquela sala do que se atrevia a referir — algumas agradáveis, outras decididamente não —, mas sabia-lhe sempre bem regressar. O crime nunca morria e evoluía constantemente, significando que havia sempre trabalho para Helen.

— É aqui que vais passar a maior parte do teu tempo. A análise de dados é daquele lado, o corpo principal da equipa fica aqui — prosseguiu, apontando para os diversos grupos de secretárias desgastadas pelo uso.

A inspetora Ellie McAndrew estava numa delas a terminar um telefonema.

— Eu fico ali, sou a única com direito a uma porta, e tu ficas aqui, a partilhar uma mesa com a sargento-inspetora Charlene Brooks. Toda a gente lhe chama Charlie, e é uma colega de primeira categoria... mas não fales com ela logo pela manhã. Tem uma filha pequena e precisa de uns cafés para aquecer.

— Anotado.

— Muito bem. Agora, deixa-me traçar-te um plano geral do que temos em curso.

Estava prestes a levar Hudson para junto do quadro com os casos quando reparou na inspetora McAndrew a encaminhar-se rapidamente na sua direção. Ela e Helen já tinham tido os seus altos e baixos ao longo dos anos, mas McAndrew era uma agente talentosa e profissional que não se deixava espantar com facilidade. Daí que a sua expressão pálida e agitada a tenha alarmado.

— Desculpe interromper, chefe, mas surgiu uma situação.

Era evidente pelo seu tom que a «situação» era decididamente fora do comum. Percebeu imediatamente que o seu dia, que começara tão animado, estava prestes a tornar-se bem mais sombrio.

7

Ela apertou a mão da filha com força enquanto se apressavam. Em parte, porque tinham de atravessar a estrada, mas principalmente por estarem atrasadas. Charlie acabara por adormecer por volta das 2 horas, o que, inevitavelmente, a fizera dormir mais um pouco depois de o alarme tocar, despertando perto das 8 horas. Isso implicou um pequeno-almoço apressado, durante o qual Charlie se lembrou de que hoje era o final da Semana do Espaço na escola — o que significava que Jessica tinha de ir para a escola vestida com uma indumentária «intergaláctica».

Felizmente, Jessica deixara-se convencer pelo argumento de Charlie de que um par de tubos de cartão presos nos flancos, encimados por um chapéu bicudo, era o suficiente para a fazer parecida com um foguetão. E assim partiram, com boas hipóteses de chegar à escola antes do toque. Esgotada como se sentia, Charlie adotou um ritmo decente, e rapidamente lhes surgiu à vista a Primária Skyswood. Arriscando uma espreitadela ao relógio, Charlie percebeu que, milagrosamente, ainda lhes sobravam três minutos.

Abrandando o passo, Charlie espreitou para Jessica, que caminhava sem pressas ao seu lado. Antes parecera-lhe suficientemente contente, mas agora começava a arrastar os pés à medida que se aproximavam dos portões.

— Hoje vai ser um dia divertido — disse Charlie, num tom alegre. — Aposto que não vais aprender matemática nem vais ler nem escrever. Vais ser só fantasias, jogos e brincadeira.

Jessica encolheu os ombros, como se isso não lhe interessasse. Parecia preferir os seus atacadores arco-íris.

— O que é que achas que vais fazer? Concursos? Viagens espaciais? Vais mesmo chegar à Lua?

Jessica acenou muito séria com a cabeça, como se isso fosse mesmo uma possibilidade. Chegaram então aos portões e Charlie largou a mão

da filha. Ao fazê-lo, viu Jessica a deter-se, parecendo nervosa por ter de cruzar a soleira. Virando-se para lhe seguir o olhar, Charlie observou o recreio, repleto de crianças, vestidas de todos os tipos de extraterrestres e astronautas. Devia tê-la reconfortado; ao invés, deixou Charlie visivelmente incomodada. Jessica era pequena para a idade que tinha, e as outras crianças pareciam demasiado grandes. Dali, era como se estivesse prestes a ser engolida pelos outros.

Agachando-se para se pôr ao nível da filha, Charlie afagou-lhe as costas para a reconfortar.

— Sabes, querida, se há alguma coisa que te preocupa, podes dizer-me...

Jessica nada disse, parecendo ainda embrenhada nos seus atacadores.

— Se alguém te disse alguma coisa, ou te assustou, ou te magoou...

— A ideia deixou Charlie um pouco indisposta, mas prosseguiu: — Não tem mal dizeres-me, para podermos resolver. As mães conseguem melhorar as coisas; sabes isso, não sabes?

Jessica assentiu com a cabeça, sorrindo ao de leve, e, por momentos, Charlie achou que ela ia dizer qualquer coisa. Mas, naquele instante, tocou a campainha e, pegando na sua pasta, Jessica foi em passo rápido para o meio dos colegas.

— Amo-te muito — disse Charlie bem alto quando ela se afastou, percebendo demasiado tarde que se esquecera de lhe dar o habitual beijo de despedida.

Observou a filha a afastar-se, sentindo um nó na garganta. Se de facto se passava algo de errado, se havia qualquer coisa a incomodar Jessica, iria permanecer em segredo.

Jessica estava agora já no meio da multidão e Charlie esforçou-se por não a perder de vista, demorando-se mais do que o necessário. Mas, nesse momento, soou um toque de telefone penetrante, desviando-lhe a atenção do recreio. Perturbada, pegou no telemóvel e percebeu que era Helen. Charlie sentiu-se de imediato tensa. Para Helen ligar tão cedo, isso só poderia significar uma coisa.

Problemas.

8

Emilia Garanita olhou para o ecrã... e viu-se a olhar para si própria. Encontrava-se na sua secretária, a observar atentamente uma fotografia publicitária que deveria aparecer num dos diários nacionais, a par de uma peça elogiosa sobre ela. Como sempre, não gostou do seu aspeto, com a inevitável cicatriz que lhe marcava a face direita, apesar de, na realidade, aquela ser uma das suas melhores fotografias.

Ultimamente, tinha havido imensas. O rapto de Emilia por parte de Daisy Anderson, a assassina em série que aterrorizara Southampton ao longo de 24 horas, acabara por se revelar bastante útil à jornalista. Dera imensas entrevistas à televisão, escrevera inúmeros artigos com o seu perfil e agora, nove meses decorridos, o seu livro sobre o «seu tempo passado com Daisy» estava pronto a ser publicado. Daí a fotografia no ecrã.

Rodopiando na sua cadeira, Emilia desviou o olhar do computador para observar a redação à sua volta. Era uma vista que continuava a apreciar. Além da notoriedade e do dinheiro gerados pelo seu contacto com Anderson, também utilizara o seu perfil valorizado para melhorar a sua posição no *Southampton Evening News*. Ameaças de demissão e de saída para publicações mais importantes tinham-se revelado suficientemente poderosas para obrigar o seu editor a devolver-lhe o posto de repórter criminal principal, às custas do incompetente tarefeiro que ocupara brevemente o seu lugar. Na ideia de Emilia, a reposição da sua posição era há muito devida e, para ser justa, Martin Gardiner promovera-a de boa vontade, apesar de estar a ser forçado a tal. Enquanto observava o pessoal que trabalhava com ela, e para dela, Emilia sentiu que finalmente, ao fim de uma longa espera, tudo corria bem no mundo.

A única pequena areia na engrenagem era a sua incapacidade para presentemente criar histórias. Regressara, recentemente, a habitual vaga de crimes desagradáveis e previsíveis em Southampton. A ocasional agressão sexual, um ataque com motivações raciais numa discoteca

e uma série de assaltos graves a casas que desesperava proprietários por toda a cidade. Mas não havia nada que fosse verdadeiramente motivante — depois do drama e do derramamento de sangue em torno de Daisy Anderson, tudo parecia insosso.

Voltando-se de novo para a sua secretária, Emilia pegou na sua caneta e trincou a ponta, tentando ganhar ânimo para terminar a sua peça sobre prevenção contra assaltos. Já a devia ter concluído há meia hora — era o tipo de peça alarmista que podia escrever de olhos fechados —, mas, em vez disso, permitira-se distrair-se com as conversas na rádio da polícia que ouvia enquanto trabalhava, absorvendo tranquilamente os incidentes domésticos e os acidentes de trânsito para os quais eram chamados os melhores de Southampton. Raramente prestava atenção aos pormenores — as vozes habituais a dar informações às unidades destacadas, proporcionando um fundo relaxante às suas decisões. Mas, de repente, endireitou-se na cadeira, atenta. Cinco unidades tinham sido enviadas para a New Forest para delimitar um local de crime. Mais interessante ainda, fora destacada a Equipa de Incidentes Graves, com a inspetora-chefe Helen Grace como agente responsável pela investigação.

Um sorriso tomou o rosto de Emilia. As coisas raramente eram desprovidas de interesse quando Grace estava envolvida. Anotando rapidamente a localização, levantou-se depressa e arrancou os auscultadores. Pegando no casaco e no telefone, saiu rapidamente da redação sem olhar sequer para os colegas, que continuavam a labutar, não se apercebendo daquele desenvolvimento surpreendente. Emilia sempre considerara que o trabalho de equipa era sobrevalorizado.

Aquele, ela ia manter só para si.

As árvores balançavam por cima dela, projetando sombras longas e sinistras sob o sol do início da manhã. Helen avançara cautelosamente pela floresta, com o olhar a procurar vegetação derrubada, pegadas ou pedaços de roupa. Era diligente, observadora, embora avançasse depressa. Os primeiros relatos do local do crime foram tão alarmantes que quis lá chegar o mais depressa possível.

Uma funcionária florestal descobrira um corpo nas profundezas do parque nacional de New Forest. A chamada chegara logo a seguir às 8h30, e o operador da polícia lá conseguira extrair sentido ao relato da mulher aterrorizada — e Helen enviara de imediato uma equipa. O cadáver fora encontrado numa parte remota do parque, numa área de mata virgem entre os lugarejos de Blissford e Fritham. Assim que Helen soube da notícia, a sua mente disparou de volta a outro corpo encontrado bem nas profundezas da floresta — uma das vítimas da sua primeira grande investigação —, mas rapidamente afastou essas recordações macabras para se concentrar no caso que tinha em mãos. Se os primeiros relatos fossem precisos, lidavam com algo bastante desagradável.

Não havia estradas, casas ou parques de campismo nas imediações do local do crime — Helen teve de estacionar a uns 800 metros de distância, na Abbots Well Road —, por isso, como é que a vítima fora parar a uma parte tão remota da floresta? E, igualmente importante, porquê? Ia sondando tudo ao seu redor enquanto seguia o caminho esbatido, mas pouco havia nas cercanias bucólicas que alarmasse ou explicasse os estranhos desenvolvimentos da manhã. O solo revelava-se seco e firme, pelo que as pegadas não ajudariam, e a vegetação naquela parte da floresta parecia imaculada. Na realidade, naquela manhã a floresta parecia bela como sempre, o que tornava ainda mais irreal a brutal chacina.

O carreiro alargava um pouco e Helen detetou atividade mais à frente — os familiares casacos fluorescentes dos agentes fardados.

Estugando o passo, chegou ao fim do caminho que dava para uma ampla clareira, já a fervilhar de agentes policiais e investigadores forenses. Anuindo com a cabeça na direção de Meredith Walker, chefe dos serviços forenses da Esquadra de Southampton, Helen estacou, preparando-se para o pior ao virar-se para o corpo.

Ela não era de se deixar chocar com facilidade, mas nunca vira algo como aquilo. Um jovem — talvez entre os 20 e muitos e os 30 anos, no máximo — estava pendurado nos ramos de um carvalho no meio da clareira, com um esgar de terror. Os pés do homem tinham sido atados juntos e depois a corda fora enlaçada num ramo grosso, içada e presa ao tronco, para que o corpo despido e brutalizado ficasse suspenso de pernas para o ar, com os braços abertos a tentarem desesperadamente chegar ao solo em baixo. O homem parecia uma estranha peça de fruta, manchada de sangue e sem vida, pendurada nos velhos ramos.

Pior ainda fora o modo como morrera. Helen reparou em três setas a saírem de ferimentos profundos no peito, pescoço e costas. Aproximando-se e posicionando-se diretamente debaixo do corpo, percebeu que, na verdade, se tratava de setas de besta. Tinha ar de se tratar de uma execução à queima-roupa, tendo em conta a profundidade da penetração... mas isso não explicava minimamente a estranha encenação do crime brutal.

As dúvidas inundaram a mente de Helen. Porquê ali, numa clareira remota que pouca gente conhecia? E porquê uma besta? Ataques daquele tipo eram extremamente raros. Além do mais, porque é que a vítima fora deixada assim, bem à vista de um infeliz caminhante ou funcionário florestal que por ali passasse?

Recuando, Helen olhou para lá da clareira para a mulher corpulenta de meia-idade que estava agora a ser ouvida pela inspetora McAndrew. Janice Smith vestia o tradicional verde da Associação do Parque de New Forest; era a única cor que nela se via — estava terrivelmente pálida e nitidamente em choque. Iriam recolher dela todos os dados possíveis — teria de explicar a sua presença ali e a descoberta do corpo —, mas Helen temeu que pouco se extrairia em termos de informações sólidas. Ela não teria força suficiente (e parecia uma candidata improvável) para suspender um homem adulto numa árvore e, tendo em conta a hora da chamada, era improvável que tivesse sido testemunha direta do ataque. Smith ligara para a Esquadra Central de Southampton há menos de uma hora, mas o sangue nos ferimentos da vítima já coagulara e formara crosta. Meredith Walker e Jim Grieves, o truculento patologista-chefe, a seu tempo iriam fornecer mais pormenores, mas Helen já

suspeitava de que se tratara de uma chacina noturna. A ideia provocou-lhe um arrepio na coluna.

Devolvendo a atenção ao corpo, deu por si a olhar para Graham Ross, o mais experiente fotógrafo de locais de crime, que estava imerso no seu trabalho. Erguendo amistosamente uma sobrancelha a Helen, desviou-se do caminho dela, contornando o corpo para tirar fotografias em grande plano às pernas e aos pés da vítima. Helen ficou satisfeita — precisava de uma vista clara do corpo para tentar interpretar o significado daquele horrível homicídio.

Não houvera qualquer tentativa de se desfazer do corpo — bem pelo contrário, fora necessário um grande esforço para o expor —, o que significaria, presumivelmente, que estava a deixar uma mensagem. Seria um aviso? Um ajuste de contas? Poderia ser um homicídio místico, tendo em conta a encenação cuidada e a hora do ataque? Ou estaria o assassino apenas a ostentar os músculos, a exhibir a sua proeza e obra a todo o mundo?

A mente de Helen continuou a dar voltas àquelas alarmantes possibilidades enquanto fitava o homem chacinado, com os seus olhos atraídos inexoravelmente pela larga poça de sangue que agora manchava a floresta por baixo do cadáver que girava lentamente.

10

— **O** que é que lhe aconteceu? Onde é que ele está?
Melanie Walton olhou fixamente para Charlie, os olhos cheios de água. Ela reportara o desaparecimento do noivo à primeira luz do dia, mas não ganhara dimensão até à descoberta, pouco depois, de um cadáver na floresta. As fotografias de Tom Campbell no seu telemóvel e a descrição do distintivo anel com sinete da vítima sugeriam fortemente que o seu noivo seria a pobre vítima.

Helen destacara Charlie e o sargento-inspetor Hudson para o parque de campismo Woodland View, um recinto novo com excelentes instalações nas franjas da floresta, enquanto ela explorava o local do crime. Charlie mal tivera tempo de trocar umas palavras com o seu novo colega, mas ele pareceu suficientemente agradável e recetivo, contente por ter de procurar testemunhas, enquanto Charlie interrogava a angustiada noiva de Campbell.

— Foi encontrado um corpo na floresta — respondeu sobriamente Charlie.

— Oh, meu Deus...

— Não podemos afirmar com certeza de quem se trata, até se proceder a uma identificação formal. A dada altura, poderá ser algo que lhe pediremos para fazer. Estaria disposta e seria capaz de o fazer?

Melanie assentiu com a cabeça, sem abrir a boca, antes de baixar o olhar para as mãos. Examinou-as atentamente, como se elas lhe pudessem descortinar algum significado, alguma explicação.

— Posso perguntar-lhe há quanto tempo estão juntos?

— Há uns cinco anos...

— E que idade tem o Tom?

— Tem 29.

Helen estimara que a vítima rondaria os 30 — outro pormenor que sugeria que seguiam a pista correta.

— Costumam acampar?

— Sim.

— Neste local?

— Não, é bastante recente.

— Então, porquê aqui?

— Não sei. Enfiaram-nos um folheto debaixo da porta e gostámos do aspeto. O Tom adora acampar, por isso...

Melanie silenciou-se, abalada pelo verbo no presente, revelando os receios sombrios que lhe rodopiavam na mente.

— A que horas chegaram ontem à noite?

— Por volta das 19 horas. Estivemos a trabalhar, por isso...

— E quando é que viu o Tom pela última vez?

Melanie fez uma pausa, esfregando a cara com as mãos.

— Por volta da meia-noite se não me engano. Bebemos uns copos e fumámos, e depois fomos para a cama.

Estremeceu ligeiramente, como que assombrada pela recordação.

— E a seguir?

— Bem... nós... — Melanie soçobrou, enrubescendo, antes de prosseguir: — Nós... fizemos amor e depois fomos dormir. Costuma ser sempre assim.

— Foi consensual?

— Claro — retorquiu, irritada.

— Não houve problemas? Discussões?

— Não, nada que se pareça. Estávamos noivos, éramos felizes...

Uma lágrima correu-lhe pela face. Charlie conseguia ver a dor de Melanie — a percepção de que o seu mundo estava prestes a ser virado do avesso a formar-se — e sentiu pena dela. Mais do que isso, acreditou nela. Os familiares e os amantes eram sempre os principais suspeitos, mas não havia marcas naquela bela jovem, e o gerente do parque de campismo confirmara a inexistência de distúrbios durante a noite. Além do mais, a emoção e o choque dela pareceram genuínos.

— Então, conte-me outra vez o que aconteceu. Devagar, se puder.

Os relatos iniciais de Melanie foram confusos, mas agora ela tentou recompor-se, consciente da importância do seu testemunho.

— Acordei a meio da noite.

— Lembra-se da hora?

— Nem por isso. Talvez 2 horas... ou 3... Desculpe...

— Não tem mal. Prossiga.

— O Tom tinha estado a dormir ao meu lado, mas já lá não estava. Fui procurá-lo... à zona das casas de banho, ao nosso carro, mas...

— Tentou telefonar-lhe?

— Claro, mas o telemóvel dele continuava na tenda. Por isso, esperei até de manhã e, ao ver que ainda não havia sinais dele, fui ter com o gerente do parque de campismo.

— E não o ouviu sair?

— Estava a dormir.

— E não tem qualquer lembrança... uma sensação vaga de movimento, uma perturbação, da tenda a ser aberta?

— Não, não, nada. Num minuto estava ali ao meu lado... — Melanie olhou para cima, com o medo vincadamente estampado no rosto. — E no seguinte já não estava.

— Ninguém viu nem ouviu nada. — O sargento-inspetor acalentara, nitidamente, a esperança de dar melhores notícias a Helen. — Falei com os outros campistas, mas, para ser sincero, ficaram perplexos com as perguntas. Um par deles conheceu o Campbell ontem à noite, mas disseram que todos passaram uma noite tranquila, não se aperceberam de quaisquer problemas.

— Seja como for, é melhor verificarmos cada um deles. Vê se algum tinha ligações ao Tom Campbell ou à Melanie Walton.

— Com certeza. Também lhes pedi para nos cederem os telemóveis durante aproximadamente uma hora. Antes de os deixarmos ir, quero verificar se alguém terá gravações de ontem à noite, algo que nos possa dar uma ideia do que se passou.

— Boa ideia. E o carro do Campbell?

— Está onde o deixou na noite passada. — Hudson apontou para um *Audi* de três volumes na ponta mais distante do campismo. — As chaves ainda estão na tenda — prosseguiu.

— Há vestígios de alguma outra viatura? Junto à tenda ou ao pé do carro?

— Há imensos rastros de pneus, para ser sincero... É preciso passar pela ponta do espaço para aceder ao parque de estacionamento... Mas ninguém ouviu nenhum carro, por isso...

Helen digeriu aquilo. Teria, então, Tom Campbell abandonado de livre vontade o parque de campismo para se embrenhar na floresta? Parecia improvável, mas, face àquilo, parecia ser a explicação mais plausível.

— Continua a apostar nisso. Avisa-me se encontrares alguma coisa.

— Sim, senhora.

Hudson afastou-se para se abeirar de uma multidão de campistas ansiosos, que se amontoaram junto às mesas de piquenique. Helen rumou na direção oposta, avançando para um homem de ar agressivo, vestido com calças de bombazina desbotada e um casaco de lã castanho.

— Sr. Robinson. Chamo-me Helen Grace — anunciou Helen, mostrando-lhe o distintivo. — Sei que já falou com o meu sargento, mas gostaria de lhe fazer mais umas perguntas.

— Com certeza... — balbuciou Robinson.

— Gere o campismo?

— Sou gerente e dono.

— Desde?

— Tenho este local há mais de um ano, mas abrimos apenas há quatro semanas... Levou mais tempo do que o esperado, para ligar os esgotos e construir o bloco dos chuveiros.

— Porquê?

— Construtores. O que haveria de ser? — respondeu com rudeza.

— Percebo.

Helen observou-o atentamente enquanto formulava a pergunta seguinte. Nigel Robinson tentava manter-se calmo; contudo, parecia agitado e desconfortável, com o suor a acumular-se-lhe na testa. Se seria por temer as manchetes negativas que o homicídio geraria ou simplesmente por não estar habituado a ser interrogado pela polícia, foi algo que Helen não percebeu.

— Dorme aqui?

— De momento. Quando estivermos a funcionar em pleno, contrato alguém para ficar cá, mas, por agora, quero estar em cima de tudo.

— E não se apercebeu de nenhum problema ontem à noite?

— Nada de nada.

— E antes? Já teve problemas? Durante a construção? Quando abriu portas?

Robinson negou com a cabeça.

— Quem aqui vem é boa gente. Tal como os tipos que trabalham para mim, apesar da falta de pontualidade. É um lugar sossegado, familiar, um belo sítio para...

— Por agora é tudo — interrompeu Helen, ansiosa por evitar qualquer anúncio publicitário. — Por favor, mantenha-se por perto. Podemos ter mais perguntas.

Robinson assentiu vigorosamente com a cabeça — nitidamente não ia a lado nenhum com agentes policiais a vasculhar todos os cantos. Helen afastou-se para dar uma volta pelo recinto. Era um espaço grande com várias cabanas de troncos rudimentares, além do bloco novo de casas de banho, loja e bar. Robinson claramente investira ali algum dinheiro. Restaria saber se fora um investimento acertado.

Helen baixou-se na direção da tenda de Campbell, examinando o exterior, antes de enfiar a cabeça lá dentro. Não era nada de especial — velha e gasta — e pouco havia no seu interior: umas quantas peças de roupa, dois sacos-cama, uma câmara de aspeto caro e uma garrafa de *bourbon* quase vazia. Até que ponto Tom estaria embriagado na noite passada? Teria bebido demais? Ter-se-ia perdido e deambulado pela floresta? Isso parecia mais provável do que um rapto à força, mas ele teria de ter caminhado até bem longe. Teria sido atraído para a floresta? Haveria algo naquela parte da floresta que ele desejasse?

Endireitando-se, prosseguiu a sua ronda. A loja estava bem abastecida e cheirava a tinta fresca, as garrafas de bebidas alcoólicas do bar encontravam-se praticamente cheias, mas a grade estava agora em baixo. Seguindo em frente, chegou aos limites da floresta. Era esse o ponto onde o habitat feito pelo homem se encontrava com a natureza em estado selvagem, mas até ali havia sinais da iniciativa de Robinson. Uma fiada de árvores tinha sido abatida para abrir espaço para um parque infantil — as diversões eram quase todas em madeira de modo a ir ao encontro dos gostos modernos — e várias outras tinham sido sacrificadas para permitir aos clientes do bar uma vista desimpedida sobre o lago. Na realidade, toda a área em redor parecia ter sido alterada para o prazer dos hóspedes pagantes.

Toda, à exceção de um punhado de árvores que se impunham sobre o bloco das casas de banho. Mal olhou para elas, Helen achou-as estranhas. A nada mais fora permitido que se atravessasse no caminho do progresso, mas aquelas árvores pareciam aglomerar-se no parque de campismo. Os ramos tinham-lhes sido cortados para não danificar o teto das casas de banho, mas fora permitido às próprias árvores permanecerem no local onde se encontravam, apesar da boa probabilidade de as suas raízes, mais cedo ou mais tarde, virem a ameaçar a estabilidade da nova construção. Helen deu por si a caminhar na direção delas, impulsionada pela curiosidade. Contornando as instalações prístinas, chegou à base da primeira árvore. Começou a deslizar a mão por cima dela e, rapidamente, descobriu algo pouco natural embutido na casca.

Um espigão de metal fora cravado no tronco — com tanta pressão que apenas se via a face, tornando impossível a sua remoção. Prosseguindo a investigação, descobriu mais cinco espigões, cravados a alturas diferentes. Helen avançou para a segunda árvore. Encontrou o mesmo, tal como na terceira.

A mente de Helen já estava a trabalhar, formando uma série de eventuais cenários, enquanto se voltava para observar o parque de campismo. Não sabia quais deles se provariam corretos, mas, ao olhar para o gerente do parque, que seguira atentamente à distância os passos que ela dera, teve a certeza de uma coisa.

Nigel Robinson mentira-lhe.

12

— **Q**ue raio acha que está a fazer?
Emilia deteve-se, praguejando em silêncio por entre dentes. Voltou-se na direção do agente que se aproximava, mostrando um ar inocente e confuso, largando o cordão da polícia que ia a levantar.

— Desculpe, desculpe — respondeu ela, esforçando-se ao máximo por soar pateta e embaraçada. — Ia só dar um passeio quando me deparei com esta... fita.

— E eu sou o Brad Pitt.

— Desculpe?

— Sei quem você é e o que faz aqui. Por isso, toca a andar. Vai ter de seguir pelos meios habituais, caso pretenda obter informações.

Ele estava a fitá-la, de braços cruzados sobre o peito, a emanar arrogância. Emilia sentiu-se tremendamente tentada a mandá-lo dar uma volta, mas em vez disso replicou:

— Parece-me justo. Apanhou-me em flagrante.

Virando costas, contemplou a paisagem arborizada em redor, pensando até onde teria de ir para ficar fora do alcance da vista e passar pelo cordão por outro ângulo.

— E, caso se sinta tentada a passar noutro local, devo avisá-la de que temos agentes espalhados ao longo de todo o perímetro. Vou agora mesmo informá-los via rádio da sua presença.

Agora, Emilia queria mesmo dar-lhe um soco. Mas, contendo a fúria, rodopiou e voltou a abeirar-se dele.

— Olhe, eu disse ponha-se a...

— E eu ouvi, mas não posso voltar de mãos vazias à redação, por isso, deixe-me fazer-lhe algumas perguntas.

— Nem pensar.

— Calculo que seja um cadáver que aí tenham... — insistiu Emilia, rapidamente.

— Não posso comentar isso.

— E calculo que seja um homicídio...

— Calcule tudo o que quiser.

— Não se destaca uma equipa da Divisão de Investigação Criminal para um suicídio, pois não?

Nesse instante o agente vacilou, apanhado em falso pelo conhecimento de Emilia face ao destacamento de equipas.

— É muito mau? O que é que temos aí? — O agente não abriu a boca, mas pareceu desconfortável. — O corpo já aí está há algum tempo? É numa parte muito remota da floresta. Ou foi uma morte recente?

— De mim não vai obter nada — contrapôs o agente, olhando para os lados, como se procurasse reforços.

— Compreendo que respeite as suas ordens, agente...?

— Não precisa de saber o meu nome.

— Mas eu disse que não podia regressar de mãos vazias, e falava a sério. Para ser franca, posso passar o resto da manhã nisto, a não ser que queira prender-me por fazer desperdiçar o tempo da polícia...

Mas era óbvio que tal não estava nos planos dele. Havia pouco a ganhar ao confrontar uma jornalista tão conhecida e venenosa da imprensa local.

— Foi encontrado um corpo esta manhã, OK? É tudo o que posso dizer.

— E foi encontrado por um campista, ou por um caminhante...

— Bem...

— E logo no início da estação. Por favor, não me diga que foi uma família, que havia crianças envolvidas...

— Não, não havia — respondeu, contrariado, o agente. — Portanto, não se ponha a escrever isso. Foi alguém do pessoal florestal, se quer saber. Nada mais dramático do que...

— Homem? Mulher?

— Basta! — exclamou, avançando um passo na direção dela. — Já tem o que queria. Ponha-se a andar!

A última ordem foi dada praticamente aos gritos. Teria a sua voz chegado aos ouvidos do agente mais próximo, originando mais escrutínio? De uma maneira ou de outra, Emilia sabia que chegara a hora de se retirar. Não formara o quadro completo, mas obtivera o que desejava — a confirmação de que ocorrera um homicídio e um meio de obter mais informações sobre o mesmo, sem ter de seguir as vias habituais. Era uma história que estava determinada a seguir na dianteira do pelotão.

Agradecendo ao agente, virou-se e afastou-se rapidamente, desaparecendo por entre o denso arvoredo.

13

— O nome da vítima é Tom Campbell. Tinha 29 anos e vivia em Winchester com a noiva, Melanie Walton.

Helen e a equipa estavam agora de regresso à Esquadra de Southampton, reunidos em volta do quadro de casos. A inspetora McAndrew ainda se encontrava no local do crime, a supervisionar a busca por impressões digitais, mas Helen decidira chamar todos os outros agentes de volta à base para passar em revista os últimos desenvolvimentos.

— Ele era bioquímico do quadro do grupo Nexus, o que pode ter relevância no seu homicídio.

— O que é o Nexus? — perguntou de pronto o inspetor Bentham.

— Fabricam petroquímicos e produtos petrolíferos. A quarta maior empresa do ramo no mundo. A nova sede em Lyndhurst gerou muita controvérsia quando foi construída há mais ou menos um ano...

— Eu lembro-me — interrompeu o inspetor Osbourne. — Tivemos de lá mandar o pessoal fardado para pôr fim às escaramuças.

— Houve protestos de ambientalistas e grupos de pressão locais — reagiu Helen, assentindo com a cabeça —, por causa da área de floresta que era necessário abater para construir a nova sede. Alguns dos protestos foram pacíficos, outros, nem por isso, mas no final a Nexus levou a sua avante, devido ao emprego que iriam gerar na região.

— É a força do dinheiro — disse o inspetor Reid, num tom arrastado, obtendo a concordância geral.

— A Assembleia de Hampshire aprovou recentemente uma série de requerimentos de planeamento controversos — prosseguiu Helen, sobrepondo-se aos sussurros que ainda se ouviam —, permitindo aos promotores imobiliários e empresas construir nas redondezas ou até no parque de New Forest. Estão a tentar dar a volta à crise e, em geral, têm obtido muito sucesso, mas a invasão de floresta previamente protegida tem gerado reações discordantes.

— E o parque de campismo do Robinson foi um desses novos negócios? — questionou Charlie, aproveitando a deixa de Helen. — Ele pareceu muito à vontade no uso da motosserra.

Helen anuiu, virando-se para afixar algumas fotografias no quadro.

— contei pelo menos duas dúzias de árvores que foram abatidas, mas as três nestas imagens foram «pregadas».

Apontou para os grandes planos dos espigões metálicos, bem cravados na árvore.

— É uma técnica básica de ecoproteção, ou ecoterrorismo, dependendo do ponto de vista. Torna impossível abater as árvores, pois corre-se o risco de partir as serras elétricas e ferir os trabalhadores, pois os espigões estilhaçam com o contacto.

— Sabemos quem é o responsável? — perguntou o sargento-inspetor Hudson, indo diretamente ao assunto.

Helen voltou-se uma vez mais para o quadro, dessa vez afixando uma imagem gerada por computador do rosto de um homem. Instintivamente, todos no grupo esticaram o pescoço para observar as suas feições — a barba por fazer, a testa larga e enrugada, o olhar penetrante.

— Ao contrário do seu depoimento inicial, afinal o Nigel Robinson teve problemas no seu terreno desde o primeiro dia. Começou com cartas com ameaças e depois escalou para uma raposa morta deixada pendurada no escritório dele no local.

— Credo! — exclamou o inspetor Edwards, encolhendo-se.

— Mais tarde, as coisas tornaram-se sérias. Alguns operários foram ameaçados, e uma cabana de troncos, incendiada. O Robinson deveria ter-nos contactado nessa altura, mas optou antes por contratar uns seguranças da pesada para proteger o local. As coisas acalmaram depois disso, mas, antes de os hóspedes chegarem, o Robinson teve de dispensar os brutamontes.

— Tornando o local de novo vulnerável — concluiu Charlie.

— O Robinson recentemente viu este homem, algumas vezes, a vaguear pelo arvoredo junto ao campismo — prosseguiu Helen, apontando para o retrato eletrónico. — Tem praticamente a certeza de que se trata do sujeito que lhe ameaçou os trabalhadores e o presenteou com a raposa.

— E nós achamos que o Tom Campbell também foi alvo desse tipo? — perguntou o inspetor Bentham. — Terá sido escolhido especificamente por ter trabalhado numa empresa que gerou uma carnificina ambiental noutro ponto da New Forest?

Era uma boa pergunta. Uma para a qual Helen não tinha resposta.

— É isso que temos de descobrir. O sargento-inspetor Hudson vai proceder a uma análise mais profunda da vida pessoal e profissional da vítima. O Campbell não parece ter inimigos óbvios e, com a exceção de uma acusação menor por posse de droga, tem o cadastro limpo. Ele não é da zona, por isso tinha de fazer sempre o percurso entre Winchester e o parque na New Forest. Resta-nos descobrir quem sabia que ele vinha, quem poderia ter tido conhecimento dos seus planos. Vamos verificar também se estava envolvido em alguns dos confrontos na Nexus.

Hudson assentiu com a cabeça, enquanto Helen se virava para o inspetor Reid.

— O inspetor Reid vai coordenar uma busca mais alargada por entusiastas locais de armas, clubes de tiro e similares. Precisamos de saber se alguém andou recentemente a fazer ameaças, se foi expulso de clubes, se foi detido por comportamento ameaçador. Os restantes vão apoiar-me a mim e à sargento-inspetora Brooks, enquanto nós damos uma vista de olhos a este tipo...

Helen voltou-se uma última vez para o quadro e afixou uma fotografia da polícia junto à imagem gerada por computador. A sala foi percorrida por outro murmúrio — havia uma grande semelhança entre a fotografia e o desenho.

— Nathaniel Martin. Tem 52 anos. Condenações por posse de droga, crimes de ódio e agressão agravada... Atacou um agente da polícia com uma barra de ferro durante um protesto em finais dos anos 90. Cumpriu pena de prisão, mas saiu de lá ainda mais extremista. Passou da Greenpeace para grupos ainda mais agressivos que defendem ação direta, antes de cortar os laços com os mesmos uns anos mais tarde. Desde então, tem agido a solo, enviando cartas a promotores imobiliários e autarcas com frases de eleição como... — Helen consultou o seu ficheiro — «Vocês constroem, nós queimamos» e «Se fazem mal à Mãe, os filhos vingam-se». É atualmente procurado para interrogatório por causa da agressão a um funcionário camarário, com um mandado de há dois anos.

— Onde raio tem andado enfiado? — questionou Reid, parecendo genuinamente espantado. — Não pode ter desaparecido sem mais nem menos.

— Temos o último endereço conhecido dele, uma antiga namorada, mas mais nada além disso. Nada de levantamentos no multibanco nos últimos 18 meses, nenhuns subsídios reclamados, nem telefonemas,

nem declarações de impostos, nem novas agressões. Talvez as pessoas achem que ele tenha acalmado, ou morrido, ou perdido a cabeça, mas eu penso que desapareceu intencionalmente do mapa, que virou costas à sua antiga vida...

— Tem havido rumores de um eremita, um selvagem, a viver na floresta — interrompeu Charlie.

— Se for o Martin, temos de o ir buscar. Este tipo é perigoso, possivelmente paranoico, e tem algo contra o Robinson, o Tom Campbell e outros que tais. Quero-o detido antes que a situação piore. Por isso, vamos ao trabalho.

Toda a equipa se levantou de um pulo, apressando-se na direção das suas secretárias. Enquanto o faziam, Helen virou-se uma vez mais para o esboço de Martin. Desenhada num preto-e-branco bem nítido, a imagem era particularmente assustadora. As feições macilentas, os olhos sem vida e a expressão enigmática formavam uma combinação arrepiante.

Um rosto reservado aos piores pesadelos.

SEM TEREM POR ONDE FUGIR, OU UM LUGAR ONDE SE ESCONDER, NEM QUEM OS OUÇA GRITAR.

Existe algo demoníaco na floresta. Primeiro, cavalos selvagens foram abatidos. Depois, mulheres e homens inocentes foram caçados e brutalmente assassinados por uma figura sem rosto. Perdidos na escuridão, tentaram fugir e esconder-se. Em desespero, pediram ajuda, mas não havia ninguém para ouvir os seus gritos.

Agora, a inspetora Helen Grace é chamada ao local dos crimes para enfrentar um novo pesadelo. Lá descobre corpos pendurados em árvores e perfurados por setas de besta. O que terá motivado estas execuções? Poderá ser um psicopata? Ou serão estes corpos alguma espécie de oferenda à natureza?

Para descobrir a verdade por detrás deste caso desafiador e macabro, Helen Grace terá de enfrentar a mais profunda escuridão, numa verdadeira corrida contra o tempo para evitar mais mortes. Incluindo a sua.

«M. J. ARLIDGE TECE ENREDOS
QUE ARREPIAM OS LEITORES ATÉ AOS OSSOS.»

DAILY MAIL

Do mesmo autor dos bestsellers internacionais:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-80-5



9 789898 917805

Thriller